

## O TEATRO E A MODERNIZAÇÃO DOS COSTUMES EM MOCOCA (1894-1918)

*Higina Teixeira MARQUES\**

- RESUMO: Considerada uma espécie de "Terra Prometida", a cidade de Mococa esteve inserida no chamado "oeste paulista": região tomada pela cultura cafeeira, e por uma elite que promoveu mudanças radicais nos hábitos culturais destas cidades, inspirada no modelo de civilização da Europa e dos Estados Unidos. O teatro, por onde passavam as grandes companhias nacionais e estrangeiras, foi o ícone destes ideais em Mococa; a cultura local foi constantemente negada, em nome do "bom gosto" e da novidade.
- UNITERMOS: Terras do café; modernização; civilização; teatro.

O teatro é uma escola onde se estudam os costumes, onde se aprende muita coisa, que muitas vezes nos é útil, no correr da vida.<sup>1</sup>

As transformações ocorridas na segunda metade do século XIX, como a abolição da escravidão, a construção das ferrovias, a imigração, aliadas à expansão da economia cafeeira, motivaram um intenso processo de modernização nas principais cidades deste complexo. Ao contrário de outras

---

\* Graduanda em História – Unesp Franca. Orientador: Prof. Dr. José Evaldo M. Doin. Bolsista Fapesp.

<sup>1</sup> Cronista do Jornal "A Mococa" (30/04/1898), Ano III, n.101. Fonte: Museu Histórico e Pedagógico "Marquês de Três Rios".

regiões interioranas do país, que ainda viviam na órbita das grandes propriedades, vinculadas às tradições, a região do "oeste paulista" foi palco de um desenvolvimento urbano gerador de novas formas de sociabilidade, novos costumes e do sonho de colher os benefícios da chamada civilização.

A cidade de Mococa, localizada nesta região, foi considerada, neste período, uma espécie de "Terra Prometida": uma área nova, de terras férteis, para onde avançavam os trilhos da "Mogyana" e uma população diversa, fartamente composta por imigrantes italianos.

A nova elite cunhara sua identidade nos moldes da cultura européia, sendo a responsável pelas marcas profundas impressas na paisagem urbana da cidade. Na grande alta do café, em 1895, temos o seguinte cenário:

As ruas eram entulhadas de material de construção, as carroças, os operários e os negociantes, em apressado vai e vem, se entrecruzavam nas ruas em labutar contínuo. Era uma cidade de yanques! (...) Houve ano de se edificarem duzentos prédios. (QUEIROZ, 1902, p.191).

Tais transformações decorreram da necessidade de novos parâmetros epistemológicos que dessem conta da imprevisibilidade do mundo moderno, servindo para consolidar a vitalidade da classe dominante, capaz de mudanças generalizadas sem alterar a hierarquia social. Na busca por valores que traduzissem tal situação, foram cultivados novos rituais de sociabilidade, "novas tradições", alterando profundamente os costumes locais (HOBSBAWM & RANGER, 1997, p.18).

A elaboração do Código de Posturas do Município, através da Lei n.147 de 14 de dezembro de 1899, é um rico exemplo das intervenções, não só na paisagem da cidade, mas também na vida das pessoas. Normas de como se portar em público, proibição de rezas e cantorias populares "em voz alta", e a proibição do "jogo de entrudo", eram impostas através de severa vigilância e aplicação de pesadas multas.

Esta política, que pretendia domar corpos e mentes, dava aos governantes o poder de vetar os antigos cenários e também os costumes locais. Porém, as chamadas "exibições selváticas" nunca foram totalmente controladas, denunciando as fragilidades deste processo civilizador (MEDEIROS, 2000).

A preocupação com a polidez dos costumes, grande missão do Partido Republicano Paulista, pode ser visualizada na sofisticação do lazer, que fazia de Mococa o modelo de progresso da região. Ao mesmo tempo em que surgiam divertimentos em locais abertos, como praças, a esfera pública também se ampliava com a construção de estabelecimentos especializados, como teatros, clubs e salas para exibição de "espetáculos de cinematographo".

O "Theatro São Sebastião", inaugurado em 1894 com a apresentação da revista "O Brasileiro Pancrácio", pela Companhia de Teatro Lucinda, do Rio de Janeiro, marcou época na história da região: seu palco foi pisado pelas maiores companhias teatrais nacionais e estrangeiras do período; viram-se o drama, o lírico, a revista e a opereta, compondo o cenário ideal para a irradiação dos novos costumes, do "bom gosto" e do consumismo:

De conformidade com os annuncios distribuidos por ocasião da festa de São Roque, no próximo mez de setembro deverrá chegar a esta cidade a excellente Companhia de Mágicas, Revistas e Operetas do Theatro Recreio Dramático, do Rio de Janeiro (...)

Actualmente esta importante companhia, trabalhou no Polytheama de S.Paulo, com um sucesso que tem sido proclamado por todos os jornais da capital (...)

A vinda a esta cidade da grande Companhia Silva Pinto, demonstra as sympathias que o povo de Mococa, inspirou-lhe quando aqui esteve há dous annos. (Jornal "A Mococa", 28/08/1897, ano II, n.68).

Durante os freqüentes espetáculos teatrais, a elite comparecia em grande estilo para apreciar os mais famosos artistas da época, como Medina de Souza, Colas, Emma Gravina, Miola, Leonardo e Lea Delormel. As lojas anunciavam as "novidades" trazidas especialmente para que as "exmas senhoras" pudessem exibir seu "gosto refinado" e se diferenciarem do público comum.

Quando se realizavam temporadas com as grandes companhias, já pela manhã, os ingressos se esgotavam - confirmando a importância do teatro como ícone maior do ideal da civilidade cultivada. Os comentaristas demonstram o fascínio exercido pelas luxuosas montagens:

Machinismo perfeito, scenários brilhantes, enfim, mise- em- scene irreprehensivel (...).

Feéricas apotheoses finais, bailados soberbos da graciosa signora Chiarini foram freneticamente applaudidos. ("Compahia Silva Pinto". Jornal "A Mococa", 18/09/1897, ano II, n.71).

O forte apelo visual presente no teatro traduzia a ampla reforma cultural que transformava os espectadores em ávidos consumidores (RAPPAPORT, 2001, p.195); o olhar passava a conduzir os corpos sedentos por consumir as roupas, os gestos, as músicas, enfim: tudo o que representasse aquele ideal de cultura "superior".

Os hábitos, antes discretos e rígidos, adquiriram um caráter mais expansivo e público; as diversões estavam na ordem do dia:

Dançar, dançar e... dançar. É a mania dos moços mocoquenses; tudo... tudo eles deixam por um baile! (Jornal "A Mococa", 20/08/1896, ano I, n.20).

E os rapazes foram tomados pela preocupação com a aparência, cedendo também aos encantos da moda, despertando olhares e desejos:

... o Braulino mandou reformar o redêndóc, o Raphael mandou fazer uma calça cor de flor de alecrim (...). O Alvino mandou buscar sabonetes aromáticos em S.Paulo, o Cruz então, vai operar o nariz porque algumas moças não querem dançar com ele... (Jornal "A Mococa", 20/08/1896, ano I, n.20).

Quanto à emancipação feminina, deste extrato superior da sociedade, houve uma restrição ao alargamento do espaço público para as mulheres. Eram prioritariamente consumidoras, porque era, o consumo, o meio mais divulgado de acesso à uma cultura metropolitana. A enchente de propagandas nos jornais e a invasão de revistas femininas que priorizavam a moda, as convidavam a explorar a cidade através das lojas. Enquanto locais de diversões noturnas, como os "clubs", eram restritos aos homens.

Ao analisarmos as festas populares, podemos notar, mais claramente, a diluição dos laços de identificação com as raízes locais; há uma constante crítica por parte dos cronistas sobre as comemorações do "reinado de Momo", taxadas de monótonas e "pobres". Em 1897, foi organizada uma comissão para realizar na cidade um "carnaval comme il faut", recolhendo dezenas de assinaturas (Jornal "A Mococa", 13/02/1897, ano II, n.44). O cortejo foi composto por vários carros "ricamente decorados", que conduziam jovens "magnificamente phantasiadas com ricas toilettes", além de uma longa fila

de cavalheiros a caráter e até um menino fantasiado de "Mephistopheles", que discursava ao público mostrando as vantagens do carnaval. Durante os três dias, à noite, o teatro, devidamente ornamentado, recebeu os mascarados para um "riquíssimo baile" (Jornal "A Mococa", 07/03/1897, ano II, n.47).

Primando sempre pela ordem, mesmo em meio à euforia, foram elaboradas regras para a participação no cortejo, bem como para quem estivesse usando máscaras; e a elite se orgulhava então do grau de progresso de sua terra.... Mas um fato "lastimável" fora registrado: a ocorrência do "jogo de entrudo" em alguns pontos afastados do centro. O jornal cobrava uma atitude das autoridades, pois, segundo o Código de Posturas, tal manifestação estava expressamente proibida.

Como um autêntico componente moderno, o ideal de civilização não poderia deixar de conter elementos ambivalentes (STAROBINSKI, 2001) e as "máscaras" serviam para disfarçar vícios como o jogo e a mentira, que compunham as "soirées" nos belos palacetes:

Aos sons harmoniosos da já bem boa banda do Prof. Francisco Pires, misturavam-se os gritos de en avant, balance, tour, gallop, prego-lhe seis, toma novel! Em uma promiscuidade extravagante, mas alegre e boa.

O truque vae avassalando o nosso grand mond, e cousa notável já se diz em Mococa, que quem não joga truque e não mente, não é filho de boa gente... (Jornal "A Mococa", 26/09/1897, ano II, n.72).

Seguindo a própria lógica da economia cafeeira, que se constituía, basicamente, da especulação, das incertezas da cotação do produto no mercado internacional e do próprio clima, o vício do jogo, entre a elite, era tido quase como um dom (SEVCENKO, 1992, p.87).

Essa classe de homens progressistas não poupou esforços para romper suas ligações com a tradição e viver a Belle Époque de conquistas tecnológicas e de uma sociabilidade urbana com ares de grande centro (CAMARGOS, 2001, p.32). O poder público, comandado pelos interesses privados, investia diretamente na manutenção dos teatros, como nos indicam os requerimentos de proprietários dessas casas (prontamente atendidos), pedindo grandes quantias para as eventuais reformas e expansões de que careciam os estabelecimentos (Atas da Câmara Municipal de Mococa, 07/10/1897, Livro 10).

Em Mococa, a comparação com a capital do estado era constante. Quando um crítico do jornal *O Correio Paulistano* sugeriu que uma determinada "troupe" fosse para a cidade, por não servir para São Paulo, obteve a seguinte resposta:

É bem possível que não conheça o que é Mococa e talvez nunca ouvisse falar no que é esta próspera cidade em gosto theatral. Desconhece o crítico que aqui a platêa é tão exigente quanto a da capital; Desconhece que a custo de muito dinheiro, só pelo gosto bom, já trabalharam em nosso teatro: Tiozzo, Leonor Rivero, Medina de Souza, Miola, Colas, Leonardo Brandão, Cúneo França e muitos outros artistas que S. Paulo tem aplaudido... (Jornal "A Mococa", 02/04/1898, ano II, n.98).

Em 1912, foi inaugurado o "Theatro Variedades", um ambiente "espaçoso, moderno e confortável", com capacidade para 1.200 pessoas, que contava com um "cinematographo" último tipo, por onde passaram notáveis companhias, como a "Compahia Dramática Italiana" com Clara Della Guardia e a "Companhia Italiana de Operetas" com Alberto Capozzi e Clara Weiss.

E, como que para não deixar dúvidas do esforço empreendido no "aprimoramento" do gosto, em 1918, foi apresentada neste teatro, com enorme sucesso, a peça que debochava dos costumes do interior "A Caipirinha"; como o público da capital do Estado, que idealizava a vida no interior, o público mocoquense a prestigiou e elogiou, tratando o conteúdo da peça como distante de sua realidade. (Jornal "A Mococa", 28/07/1918, ano XXIII, n.1.122).

Era preciso mostrar que aquela era uma cidade onde seus habitantes possuíam uma civilidade superior, em oposição à idéia de campo e zona rural retratados. Os discursos dos cronistas buscam, enfaticamente, construir a imagem desta cidade.

O fenômeno da Regeneração se mostra mais avassalador quando percebemos que a elite cafeeira do interior esteve em perfeita sintonia com "as forças inexoráveis da civilização e do progresso" (SEVCENKO, 1998, p.595), cultivando, dentro dos limites das pequenas cidades, rituais cosmopolitas.

FIGURA 1 – O TEATRO VARIEDADES

**Variedades**  
 Empresa Teatral PHILARMONICA MOCOQUENSE  
 28 de Dezembro ■ DOMINGO ■ 28 de Dezembro  
 Compositora Dramática Italiana de célebres obras  
**CLARA DELLA GUARDIA**  
 Regida pelo célebre ator **Ettore Paladini**  
 Segunda e última noite de Assigatura \*\*\* GRANDE SUCESSO  
**A Dama**  
**DAS CAMELIAS**  
 de Alexandre Dumas  
 CLARA DELLA GUARDIA  
 Ettore PALADINI  
 LUXUOSA MISE-EN-SCENE  
 PREÇOS: Páris, os Camélias, 25.000 fr. - Quinta de La. GARD. - Quinta de La. GARD. - Quinta de La. GARD.  
 Legendários 20. Grande Espetáculo 14.000. e os Heróicos 8.000. e outros mais  
 CLARA DELLA GUARDIA

O Teatro Variedades, inaugurado em 1912, com capacidade para 1400 pessoas, manteve, durante um longo período, a tradição de grandes espetáculos. No cartaz, uma das maiores artistas da época, Clara Della Guardia da Companhia Dramática Italiana; espetáculo realizado em 28 de dezembro de 1919.  
 FONTE: Museu Histórico e Pedagógico "Marquês de Três Rios".

MARQUES, Higina Teixeira. Theater and modernization of lore in Mococa (1894-1918). *Ensaios de História*, Franca, v.7, n.1/2, p.23-31, 2002.

- **ABSTRACT:** Considered like a "Promised Land", the city of Mococa was inserted in the entitled "West Paulista": region taken by the coffee cultivation, and by a elite that promoted radical changes in the cultural practices of the cities, inspired in the European and North American standards. The theater, whereabouts passed the grandees national and international companies, was the icon of these ideas in Mococa; the local culture was constantly denied, in place of the "wisdom" and the newness.
- **KEYWORDS:** coffee domains; modernization; civilization; theater.

## FONTES

Jornal "A Mococa" (1896-1919).

*Cartazes do Teatro Variedades* (1918-1918).

*Código do Município de Mococa*. Lei n.147 de 15 de dezembro de 1889.

*Diversas Revistas Femininas* (1910-1930).

Acervo do Museu Histórico e Pedagógico "Marquês de Três Rios". Mococa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGOS, Márcia. *Villa Krrial*. Crônica da Belle Époque paulistana. São Paulo: Editora Senac, 2001.

RAPPAPORT, Erika D. Uma nova era de compras: a promoção do prazer feminino no West End londrino 1909-1914. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (org). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 2001.

HOBBSAWM, Eric (org). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MEDEIROS, Lená de. Nas trilhas do progresso: Pereira Passos e as posturas municipais. In: MATOS, Maria Izilda (org.). *A cidade em debate*. São Paulo: Olho d'água, 2000, p.109-129.

PALADINI, Carlos Alberto. *Assim nasceu Mococa*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1995.

QUEIROZ, Humberto de. *Mococa de sua formação até 1900*. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1902.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.